

PRODUÇÃO DE ALGODÃO

JACKSON DANTAS COELHOEconomista. Mestre em Economia Rural
jacksondantas@bnb.gov.br

1 INTRODUÇÃO

Esta análise discute aspectos de produção e de mercado do segmento de algodão. Mais especificamente às atividades relacionadas à classe 01.12-1 (Cultivo de algodão herbáceo e de outras fibras de lavoura temporária), da Classificação Nacional de Atividades Econômicas, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - CNAE/IBGE.

2 CARACTERIZAÇÃO

Até a década de 1980, o Nordeste era uma das três maiores regiões produtoras, mas a ocorrência do *Anthonomus grandis* (o popular “bicudo”) nas plantações jogou a cultura em uma profunda crise, agravada pela longa seca de 1979-1983 e pelo sucateamento da assistência técnica e extensão rural, fatos aos quais, no início da década de 1990, somou-se à abertura das importações.

Essa crise foi contornada, em parte, pela abertura de novas áreas produtivas no Cerrado, primeiro no Centro-Oeste e depois, no Nordeste. Nessas regiões, havia terras planas e baratas, que, com a devida correção agrônômica, somada à experiência e tecnologia dos produtores, aos incentivos governamentais e à pesquisa, poderia ser explorado um grande potencial de produção ainda subaproveitado. Em menos de uma década, o Centro-Oeste se tornou a maior região produtora brasileira de algodão, revertendo a condição do Brasil de segundo maior importador, em

1997, a quinto maior produtor e quarto maior exportador mundial da fibra, em 2016.

A cotonicultura é bastante mecanizada, em seu modo empresarial de produção¹, que atua principalmente na região de Cerrado do Centro-Oeste e, no Nordeste, nas regiões de Cerrado da Bahia (Oeste), Piauí e Maranhão, com produtores oriundos principalmente do Sul e Sudeste. No Nordeste, há ainda o modo de produção no Semiárido, de pequena escala, comum no Sertão do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e sul da Bahia.

A produção do Semiárido é bem menor que a do Cerrado nordestino, mas nem por isso menos importante, pois há produção de algodão convencional e transgênico em escala empresarial, no Ceará e na Bahia (maior produtor de algodão do Nordeste), e produção de algodão orgânico e agroecológico, no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Bahia, cujos campos de produção são importantes espaços de atuação de institutos de pesquisa nacionais e estaduais, ONGs e projetos governamentais.

Estes campos abastecem nichos de mercado como os da União Europeia e de alguns estados do Sul e do Sudeste do Brasil, que negociam por intermédio do comércio justo e pagam preço melhor que o da fibra convencional, exigindo, em troca, a certificação dos produtores.

1 É o adotado em grandes fazendas, que são administradas como empresas, que contam com investimentos consideráveis em infraestrutura de produção e armazenamento. Realizam operações de crédito de custeio e de investimento em valores altos. Utilizam mecanização em larga escala em todas as etapas do processo produtivo, geralmente possuindo assistência técnica própria, tanto para a cultura do algodão como para o maquinário utilizado, e empregam mão de obra especializada.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente), Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETE-NE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente), Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior, Roberto Rodrigues Pontes (Jovem Aprendiz). Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Francisco Kaique Feitosa Araujo e Marcus Vinicius Adriano Araujo (Bolsistas de Nível Superior).

O **Caderno Setorial ETENE** é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão “Economia Regional”. Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Sílas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passará, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

3 PRODUÇÃO

O Brasil é o quarto maior produtor mundial de algodão, atrás de Índia, China e Estados Unidos. Esse cinco países responderam por 78% do total da fibra produzida no planeta na safra 2018/2019. O País tornou-se o segundo maior exportador mundial, perdendo apenas dos Estados Unidos, superando a Índia nesta safra (USDA, 2019). A produção mundial para a safra 2019/2020 é estimada em 26,55 milhões de toneladas, aumento de 2,6% sobre a última safra, de 25,86 milhões de toneladas. O consumo mundial também deve continuar o movimento de alta dos últimos sete anos, subindo 1% em relação à última safra (de 26,19 milhões para 26,45 milhões de toneladas); com

a produção acompanhando o desempenho do consumo nas últimas duas safras, os estoques finais continuam estáveis, devendo aumentar em 0,3% (de 17,54 milhões para 15,59 milhões de toneladas).

A produção nacional prevista para a atual safra (2019/2020) é de 2,73 milhões de ton, numa área total de 1,64 milhão de ha, recorde da série histórica, que sinalizam aumento de 0,04% em produção e de 1,6% em área em relação à safra 2018/2019. O bom desempenho se justifica pelos grandes investimentos feitos no setor, e pela expansão de área cultivada, principalmente em Mato Grosso e Bahia, consequência das boas perspectivas de mercado (CONAB, 2019b) (Tabela 1).

Tabela 1 – Produção de algodão em pluma no Brasil, na última década, por regiões e estados selecionados, em mil toneladas

REGIÃO/UF	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19	2019/20
NORTE	7,5	8,5	7,3	7,4	11,8	8,7	10,1	11,9	25,0	25,4
NORDESTE	689,9	541,6	397,9	534,6	489,4	283,6	390,7	546,2	664,4	683,2
MA	27,7	28,8	26,2	30,4	34,1	33,0	35,2	34,9	41,1	43,0
PI	26,6	28,9	14,5	19,7	20,1	2,7	8,5	11,9	24,8	30,8
CE	1,1	0,1	0,1	0,5	-	0,1	0,2	0,3	0,3	0,3
RN	0,8	0,1	0,1	0,6	0,5	0,5	0,5	0,5	0,4	0,5
PB	0,3	-	-	-	0,1	-	0,1	0,2	0,2	0,2
BA	633,1	483,6	357,0	483,3	434,6	247,3	346,2	498,4	597,6	608,4
CENTRO-OESTE	1.187,2	1.259,8	869,7	1.152,2	1.029,2	963,9	1.102,3	1.399,6	1.952,0	1.936,9
MT	934,80	1.046,50	731,30	1.005,90	921,70	880,5	1.011,3	1.290,2	1.815,8	1.809,2
MS	89,2	84,6	68,1	63,3	55,3	48,3	49,1	56,1	67,7	61,0
GO	162,5	128,7	70,3	83,0	52,2	35,1	41,9	53,3	68,5	66,7
SUDESTE	74,0	66,6	34,6	39,0	31,7	32,3	26,4	48,1	83,7	80,2
MG	45,4	41,8	26,3	28,3	27,1	26,8	22,7	39,7	67,5	62,3
SP	28,6	24,8	8,3	10,7	4,6	5,5	3,7	8,4	16,2	17,9
SUL	1,2	0,8	0,8	0,8	0,7	0,7	-	-	0,8	1,2
BRASIL	1.959,8	1.877,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,2	1.529,5	2.005,8	2.725,9	2.726,9
Variação % ano a ano										
NORDESTE	-	(21,5)	(26,5)	34,4	(8,5)	(42,1)	37,8	39,8	21,6	2,8
CENTRO-OESTE	-	6,1	(31,0)	32,5	(10,7)	(6,3)	14,4	27,0	39,5	(0,8)
BRASIL	-	(4,2)	(30,2)	32,3	(9,9)	(17,5)	18,6	31,1	35,9	0,04

Fonte: CONAB (2019b).

Nota: (!) Estimativa, em dezembro/19.

O Centro-Oeste é a maior produtor, com previsão de 1,93 milhão de toneladas para a atual safra (2019/2020) (-0,8%). Em seguida, está o Nordeste, com 683,2 mil toneladas (+2,8%). Em terceiro lugar, o Sudeste, com 80,2 mil toneladas (-4,2%); em seguida, o Norte, com 25,4 mil toneladas (+1,6%). O Sul voltou a produzir algodão, com previsão de 1,2 mil toneladas. No Nordeste, a previsão de aumento de área é de 5,5%, elevando-se de 377,8 mil ha na safra anterior para 398,7 mil toneladas na atual. Bahia e

Piauí terão aumento de área, principalmente em propriedades já envolvidas com a cotonicultura (CONAB, 2019b).

Entre os estados, Mato Grosso é o maior produtor (previsão de 1,81 milhão de toneladas para a atual safra), seguido pela Bahia (608,4 mil toneladas). Em seguida, Goiás (66,7 mil toneladas), Minas Gerais (62,3 mil toneladas), Mato Grosso do Sul (61 mil toneladas) e Maranhão (43 mil toneladas). Só a previsão de produção do Mato Grosso é 2,6 vezes a previsão nordestina; nos últimos dez anos, a

produção desse estado aumentou 193%, sobre uma base representativa, enquanto a do Nordeste praticamente estacionou (-1%) (CONAB, 2019b).

O aumento da produção se traduz em números positivos no Valor Bruto da Produção (VBP) do algodão, que, nos resultados anuais (ainda preliminares, divulgados em dezembro), deve aumentar 18,2% no País (de R\$ 35,5 bilhões para R\$ 41,9 bilhões). No Nordeste, a alta prevista é de 5,2% (de R\$ 9,7 bilhões para R\$ 10,2 bilhões) e, no Centro-Oeste, de 19,5% (de R\$ 24,1 bilhões para R\$ 28,8 bilhões). O VBP agropecuário total deverá ser de R\$ 606,19 bilhões, aumento de 1,7% em relação a 2018, com soja, milho, cana, algodão e café, nessa ordem, gerando 78% do valor bruto da lavoura (BRASIL, 2019a) (Tabela 2).

A cadeia produtiva do algodão tem, no seu elo de insumos, antes da fazenda, os fornecedores de sementes, fertilizantes, defensivos, corretivos, e os de máquinas e/ou equipamentos, como colheitadeiras, tratores, implementos agrícolas, caminhões, combustível, peças e equipamentos de proteção individual. No elo da produção, após o plantio e a colheita, obtém-se a pluma e o caroço, que passam ao elo de beneficiamento, que transformam a pluma em fio e do caroço extraem línter, óleo, torta e farelo.

O línter segue para indústrias de papel, celulose, química e farmacêutica; o óleo pode ser aproveitado para o biodiesel e indústria alimentícia; a torta e o farelo seguem para a indústria de adubos e de ração animal. A distribuição cuida para que estes produtos cheguem aos consumidores finais, sejam eles pessoas físicas ou jurídicas, pelos canais de comercialização.

Há também, na cadeia, os ambientes organizacional e institucional: numa definição rápida, o ambiente institucional é o conjunto de regras e costumes envolvidos na atividade, abrangendo também o marco legal que a ampara, e o ambiente organizacional são as empresas e pessoas envolvidas nos trabalhos de toda a cadeia agroindustrial do algodão. Dentro do primeiro, cumpre destacar o papel fundamental exercido por órgãos de pesquisa, tais como o Centro Nacional de Pesquisa do Algodão da Embrapa, sediado em Campina Grande-PB, que estuda o desenvolvimento de sistemas de produção e melhoria de cultivares de algodão, voltados tanto para o plantio convencional, como o orgânico, agroecológico e transgênico. E o apoio financeiro vindo das instituições bancárias, como Banco do Brasil e Banco do Nordeste, nas operações de custeio e investimento envolvidas na produção do algodão.

Tabela 2 – Valor bruto da produção (VBP) do algodão herbáceo

REGIÃO-UF's / ANO	2015	2016	2017	2018	2019
NORTE	13.836.813	34.626.235	88.137.557	158.779.905	94.314.719
Roraima	4.646.691	4.954.761	7.698.598	75.556.377	64.261.702
Tocantins	9.190.122	29.671.474	80.438.959	83.223.528	30.053.017
NORDESTE	3.050.327.045	2.567.772.469	6.074.907.101	9.728.993.708	10.239.978.687
Maranhão	343.334.995	271.961.328	551.798.821	689.627.215	646.526.414
Piauí	194.568.225	29.145.413	112.635.513	169.002.722	341.762.448
Ceará	409.215	1.733.147	3.073.103	8.814.911	21.004.396
Rio Grande do Norte	1.051.720	4.086.149	7.134.668	7.260.608	7.552.280
Paraíba	871.972	595.387	2.198.694	4.101.632	7.025.946
Pernambuco	214.168	61.170	443.541	244.659	624.257
Alagoas	149.153	114.184	183.753	366.988	459.012
Bahia	2.509.727.597	2.260.075.691	5.397.439.009	8.849.574.973	9.215.023.933
SUDESTE	313.053.104	332.955.864	481.155.947	842.384.353	1.162.779.257
Minas Gerais	258.486.039	270.782.788	396.239.869	716.172.258	888.035.863
São Paulo	54.567.065	62.173.076	84.916.078	126.212.096	274.743.394
CENTRO-OESTE	13.201.179.581	14.141.352.825	17.345.197.456	24.143.249.040	28.850.802.168
Mato Grosso do Sul	526.716.742	454.329.158	841.161.485	1.045.714.073	990.282.330
Mato Grosso	12.169.656.295	13.334.497.516	15.853.811.026	22.370.350.112	26.728.463.585
Goiás	504.806.544	352.526.150	650.224.945	727.184.855	1.132.056.253
BRASIL	15.553.185.408	14.120.648.922	24.323.673.705	35.479.245.263	41.950.473.477

Fonte: BRASIL (2019a). Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Notas:

(1) Fonte Produção - IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - LSPA, setembro/2019;

(2) Fonte preços: CONAB Preços Recebidos pelos Produtores média anual para os anos fechados e, para 2019, preços médios de janeiro a setembro.

(3) Devido à descontinuidade da informação de preços pela FGV-FGVDados, comunicado pela FGV em 24/04/2017, foram usados preços da FGV até dez/2016. A partir desta data passaram a ser substituídos pelos preços da Conab.

(4) Valores deflacionados pelo IGP-DI da FGV - setembro/2019. Elaboração CGAPI/DFI/SPA/MAPA.

4 COMÉRCIO EXTERIOR

Até novembro de 2019, o Brasil exportou para 171 países 1,38 milhão de toneladas, faturamento US\$ 2,43 bilhões. Tanto em volume quanto em valor, as exportações de 2017 ao presente, cresceram acima de 15%, enquanto as importações tiveram movimento oposto, reduzindo-se em 39% e 23%, em volume e valor, respectivamente.

O Nordeste aumentou as exportações, tanto em volume quanto em valor, em percentuais semelhantes aos nacionais. As boas condições climáticas nesses anos, o conflito comercial entre EUA e China e o dólar em alta ajudaram, que teve também redução das importações, também tanto em volume quanto em valor (**Tabela 3**).

Tabela 3 – Desempenho do Brasil e Regiões no comércio exterior

Fluxo / Região	2017		2018		2019 (2)		FOB (variação %)	
	Kg líquido	FOB (US\$)	Kg líquido	FOB (US\$)	Kg líquido	FOB (US\$)	2017-2018	2018-2019
Exportação (3)	887.141.105	1.638.277.773	1.026.763.167	1.952.903.087	1.384.373.261	2.431.113.695	19,2	24,5
Centro-Oeste	608.803.372	982.735.802	645.360.650	1.106.663.093	873.911.745	1.443.846.041	12,6	30,5
Nordeste	236.668.536	424.271.236	266.293.472	510.021.525	348.631.913	598.938.277	20,2	17,4
Norte	298.705	758.241	906.144	1.925.547	2.533.740	4.280.032	153,9	122,3
Sudeste	30.414.912	117.675.360	100.545.414	228.361.853	145.051.941	285.538.629	94,1	25,0
Sul	9.624.402	105.232.312	12.635.003	100.765.267	14.243.922	98.510.716	-4,2	-2,2
Importação (3)	119.095.148	765.337.281	101.577.161	819.946.524	61.984.195	634.873.903	7,1	-22,6
Centro-Oeste	2.242.793	22.004.541	2.221.875	25.234.182	1.541.435	16.123.403	14,7	-36,1
Nordeste	53.855.887	122.679.066	34.296.767	81.000.741	13.810.434	41.245.619	-34,0	-49,1
Norte	8.280.182	31.647.159	7.154.411	42.514.971	3.067.497	18.995.364	34,3	-55,3
Sudeste	24.510.340	359.597.030	28.492.591	407.913.535	19.922.859	342.471.487	13,4	-16,0
Sul	30.205.946	229.409.485	29.411.359	263.265.167	23.641.918	216.032.996	14,8	-17,9
Saldo/Déficit	768.045.957	872.940.492	925.186.006	1.132.956.563	1.322.389.066	1.796.239.792	29,8	58,5
Centro-Oeste	606.560.579	960.731.261	643.138.775	1.081.428.911	872.370.310	1.427.722.638	12,6	32,0
Nordeste	182.812.649	301.592.170	231.996.705	429.020.784	334.821.479	557.692.658	42,3	30,0
Norte	-7.981.477	-30.888.918	-6.248.267	-40.589.424	-533.757	-14.715.332	31,4	-63,7
Sudeste	5.904.572	-241.921.670	72.052.823	-179.551.682	125.129.082	-56.932.858	-25,8	-68,3
Sul	-20.581.544	-124.177.173	-16.776.356	-162.499.900	-9.397.996	-117.522.280	30,9	-27,7

Fonte: BRASIL (2019b).

Notas:

(1) NCM: 52010010 (Algodão não cardado nem penteado, não debulhado); 52010020 (Algodão não cardado nem penteado, simplesmente debulhado); 52010090 (Outros tipos de algodão não cardado nem penteado).

(2) Janeiro até novembro.

(3) Inclui "região indefinida".

O número de países para os quais a Região exportou algodão, no período, subiu de 74 para 84, e, dos países de quem o Nordeste importou, subiu de 32 para 37. Os maiores exportadores brasileiros são também os dois maiores produtores, Mato Grosso e Bahia (**Tabela 4**). Os maiores importadores são os estados com maior concentração no parque fabril têxtil, São Paulo e Santa Catarina.

No Nordeste, Bahia, Parnaíba e Piauí aumentaram substancialmente suas vendas em volume e faturamento, dada a qualidade do produto e a boa conjuntura externa, que também melhorou o preço interno da pluma.

O principal destino das exportações do Brasil é o continente asiático, mais de 85%, em 2018, indo na mesma magnitude em 2019, com destaque para a China. Quanto às importações, mais de dois terços são também asiáticas,

com igual predominância chinesa de origem (**ANEXO 1**). Perfil semelhante se verifica na Região Nordeste.

Apesar do mercado externo favorável, a economia nacional está com lenta recuperação, limitando a demanda do mercado doméstico ao longo das cadeias de produtos (setor têxtil e outros). A recuperação da demanda é muito importante para absorver a produção local e tornar-se menos dependente das oscilações do mercado externo.

O conflito comercial entre EUA e China favoreceu temporariamente o Brasil, mas parece estar chegando ao fim, com o recente acordo entre as partes, que, num primeiro momento, suspende o aumento de 10% para 15% na taxa de cerca de US\$ 156 bilhões em bens chineses, que entraria em vigor em 15 de dezembro de 2019, com os

chineses prometendo fazer compras maciças de produtos agrícolas, energia, bens manufaturados e outros.

Segundo dados do USDA (2019), a produção de algodão em 2020 deve subir 2,6%, mais que o consumo, que deve subir 1%. No entanto, esse aumento na produção ainda é insuficiente para compensar o aumento do con-

sumo, que, nos últimos sete anos, elevou-se em 10,4%, enquanto a produção em apenas 1,3%. Em relação aos principais atores do comércio mundial, as exportações brasileiras têm evoluído muito bem e a China continua a reduzir seus estoques, em 48%, no mesmo período.

Tabela 4 – Desempenho dos Estados do Brasil no comércio exterior

Fluxo / UF (1)	2017		2018		2019 (2)	
	Kg líquido	FOB (US\$)	Kg líquido	FOB (US\$)	Kg líquido	FOB (US\$)
Exportação	886.475.516	1.634.475.362,00	1.026.251.925	1.950.320.186,00	1.384.373.136	2.431.112.481,00
MATO GROSSO	546.743.054	890.276.764,00	578.674.021	991.640.956,00	798.236.987	1.323.430.512,00
BAHIA	191.370.579	304.030.813,00	218.557.217	377.581.414,00	304.925.033	484.130.052,00
SAO PAULO	20.475.696	61.753.196,00	48.255.443	105.983.024,00	100.232.802	179.953.178,00
MINAS GERAIS	9.575.863	52.670.370,00	52.247.056	120.252.019,00	44.782.926	103.606.343,00
GOIAS	47.633.406	67.890.961,00	44.520.725	74.926.373,00	54.483.481	84.801.253,00
SANTA CATARINA	7.881.104	93.348.830,00	8.869.487	85.739.980,00	11.387.680	84.194.852,00
MARANHAO	30.930.010	51.461.355,00	31.132.249	54.458.613,00	22.407.797	37.387.549,00
MATO GROSSO DO SUL	14.426.509	24.564.599,00	22.165.635	39.874.507,00	21.191.211	35.594.931,00
CEARA	7.636.205	36.566.250,00	6.945.244	34.449.632,00	9.257.309	34.638.053,00
RIO GRANDE DO NORTE	4.278.497	25.439.311,00	5.179.981	31.663.404,00	4.164.049	24.632.879,00
PARANA	1.339.839	8.499.138,00	3.495.582	12.041.098,00	2.550.620	11.260.310,00
PARAIBA	1.165.084	4.010.014,00	2.218.195	7.902.990,00	3.116.951	10.498.788,00
PIAUI	1.208.175	2.078.955,00	2.252.281	3.863.658,00	4.688.535	7.366.947,00
OUTROS	1.145.906	8.082.395,00	1.227.567	7.359.617,00	2.947.755	9.616.834,00
Importação	119.095.249	765.407.822,00	101.577.082	819.937.560,00	61.984.169	634.871.386,00
SAO PAULO	16.621.393	302.981.820,00	18.126.157	340.867.430,00	15.055.648	294.396.950,00
SANTA CATARINA	29.224.251	221.339.150,00	28.703.483	257.064.060,00	22.944.697	208.192.354,00
ESPIRITO SANTO	5.291.345	37.141.700,00	5.483.148	40.757.347,00	3.208.387	30.018.394,00
ALAGOAS	9.997.592	42.495.044,00	3.971.724	20.288.602,00	3.669.707	20.219.203,00
RONDONIA	7.865.761	27.969.011,00	6.681.455	38.950.313,00	2.683.420	16.378.408,00
MATO GROSSO DO SUL	2.209.199	20.444.282,00	2.186.944	24.652.437,00	1.503.923	15.615.058,00
CEARA	29.977.845	56.286.166,00	17.601.968	38.783.009,00	5.039.606	14.148.249,00
RIO DE JANEIRO	1.301.862	12.692.203,00	747.936	12.726.904,00	559.190	9.807.175,00
MINAS GERAIS	1.295.740	6.781.307,00	4.135.350	13.561.854,00	1.099.634	8.248.968,00
PARANA	644.261	5.109.388,00	293.468	2.894.171,00	379.810	5.354.157,00
PARAIBA	8.206.022	10.186.295,00	11.392.243	15.960.572,00	4.022.114	2.930.950,00
RIO GRANDE DO SUL	337.434	2.960.947,00	414.408	3.306.936,00	317.411	2.486.485,00
RIO GRANDE DO NORTE	5.171.147	11.438.937,00	499.311	2.694.396,00	427.684	2.075.758,00
OUTROS	951.296	7.511.031,00	1.339.408	7.420.565,00	1.072.912	4.996.760,00

Fonte: BRASIL (2019b).

Notas:

(1) NCM: 52010010 (Algodão não cardado nem penteado, não debulhado); 52010020 (Algodão não cardado nem penteado, simplesmente debulhado); 52010090 (Outros tipos de algodão não cardado nem penteado).

(2) Janeiro até novembro.

(3) Inclui "região indefinida".

5 PREÇOS

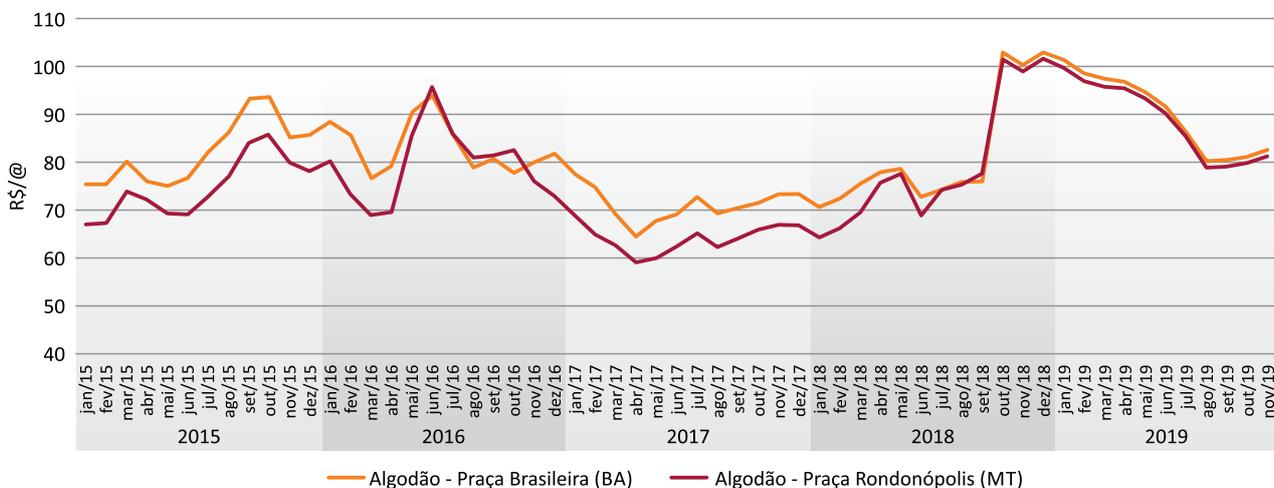
O algodão é uma importante *commodity*² de exportação brasileira e tem como referências de preço internacional os índices *Cotton Outlook A* e o da bolsa de Nova York, e de preço nacional, o índice ESALQ-USP e o preço mínimo fixado pelo Governo Federal³.

Os preços internos são diretamente afetados pela demanda de algodão para exportação e pela qualidade do algodão comercializado; a demanda interna geralmente não tem problemas para ser suprida. Os preços internos do algodão em pluma fecharam novembro com tendência de alta em relação a outubro, conforme demonstrado no **Gráfico 1**.

Em algumas das principais praças da cotonicultura, com grande percentagem da safra 2018/2019 e 2019/2020 vendida e um menor volume de pluma de boa qualidade no mercado à vista, com os compradores (indústrias e comércio) tendo dificuldades de encontrar a pluma dentro das características desejadas. Nos dois últimos anos, há uma tendência geral de crescimento dos preços da arroba, influenciada pela oferta de pluma e pela quantidade demandada pelo mercado.

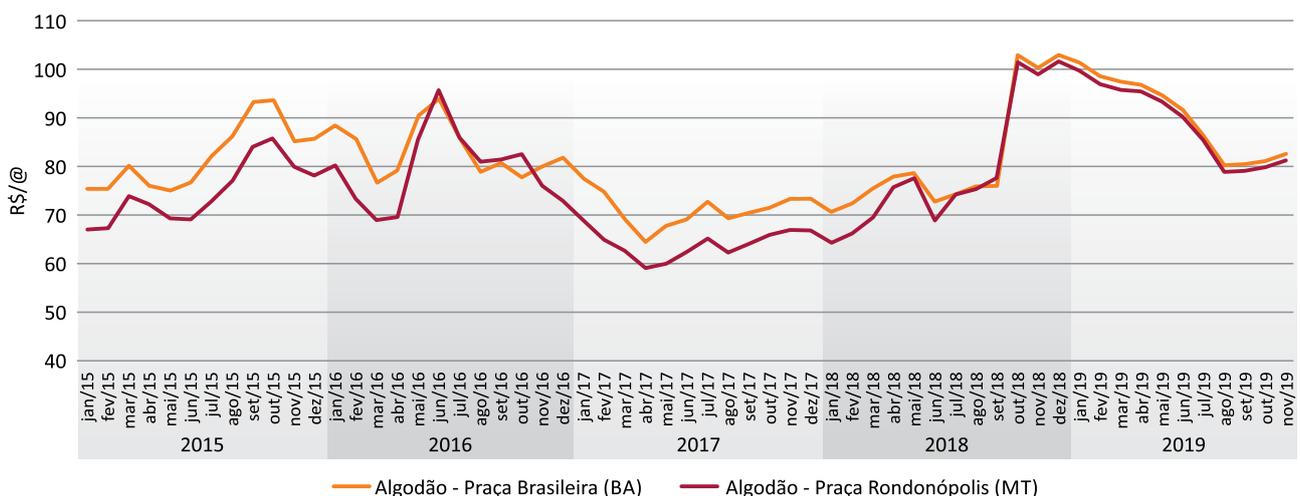
Nos últimos dois anos-safra, o consumo mundial de algodão tem sido similar à produção, deixando o mercado internacional em aparente equilíbrio, embora com as cotações em alta, nos últimos três meses, depois de quase um ano e meio em trajetória de baixa (**Gráfico 2**).

Gráfico 1 – Evolução dos preços internos do algodão, em praças selecionadas, 2015-2019.



Fonte: CMA (2019).

Gráfico 2 – Evolução dos preços externos do algodão, na Bolsa de Nova Iorque, 2018-2019



Fonte: CONAB (2019c).

2 Produto homogêneo, padronizado, geralmente em estado bruto ou primário, mas com grande importância comercial e teoricamente negociado em condições de concorrência perfeita (mercado com muitos compradores e vendedores).
3 Os índices internacionais referem-se ao preço do algodão em pluma posto no norte da Europa, com custo, seguro e frete incluídos (CIF), em centavos de dólar (US\$/lp) por libra-peso (453,6g). O índice A é a média das cinco menores cotações entre 14 procedências diferentes, do tipo Middling (FILHO, 2001). O índice nacional é calculado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), a unidade acadêmica agrícola da Universidade de São Paulo (USP), dado em reais por arroba (15 quilos, R\$/@).

A China também mudou sua política, passando a se desfazer dos estoques públicos, desde 2014/2015 (que foram muito altos devido a uma política agressiva de compra, para proteger a sua indústria têxtil), favorecendo a queda dos estoques mundiais. Para 2019/2020, o USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) prevê produção 0,4% maior que o consumo; alguns outros fato-

res, como a queda da produção australiana, redução das exportações da Índia, e a retração, ainda que leve, nos estoques mundiais, podem manter os preços internacionais em alta (CONAB, 2019c).

Apesar da alta no mercado à vista, os preços nos contratos futuros na Bolsa de Nova Iorque acumularam queda em novembro, influenciados pelo avanço do dólar, pelo recuo das exportações norte-americanas, pela queda do petróleo no mercado internacional (o que tende a melhorar a competitividade da fibra sintética) e pelo impasse comercial entre EUA e China, que parece agora estar mais próximo de um fim. O contrato para março de 2020 caiu 0,79%, para US\$ 0,6536/libra-peso, enquanto o de maio recuou 0,72% (para US\$ 0,6639/lp) e o de julho, 0,92% (US\$ 0,6702/lp) (CEPEA, 2019).

6 VALOR CONTRATADO

Nos últimos seis anos, o BNB financiou R\$ 2,72 bilhões para o algodão no Nordeste, em 500 operações de crédito, média de R\$ 5,44 milhões (Tabela 5). Bahia, o maior produtor, recebeu também mais recursos: foram contratados R\$ 2,4 bilhões, em 467 operações, 88% do total da Região. O volume financiado é proporcional à produção, que supera, tanto no Cerrado quanto no Semiárido, com grande diferença, a produção dos demais estados nordestinos.

Outros estados que se destacam em relação aos demais da Região são Maranhão e Piauí, que receberam, respectivamente, R\$ 147,3 milhões (5,4% do total) e R\$ 167,6 milhões (6,1%), no período 2014-2019. Depois da Bahia, são o segundo e terceiro maiores produtores regionais (Tabela 1).

A sub-região fora do semiárido foi a que mais concentrou investimentos em cotonicultura do BNB no período considerado (Tabela 6). Foram aplicados R\$ 2,5 bilhões, distribuídos em 405 operações, correspondendo a 92,1% dos recursos no período e obedecendo à lógica da produção da atividade, que se concentra nos cerrados nordestinos. R\$ 215 milhões foram investidos na cotonicultura do Semiárido, em 95 operações de crédito.

Quanto ao porte do cliente, 46% do total financiado foi aos médios produtores (R\$ 1,25 bilhão), distribuídos em 213 operações (Tabela 7). Os grandes produtores vêm logo a seguir, com R\$ 1,07 bilhão, em 51 operações (39,5%). O algodão é uma cultura de alto custo, bancada em larga escala por grandes investimentos, pois exige insumos importados, maquinário específico e muitos cuidados no manejo. Os portes mini, pequeno e pequeno-médio somam 14,6% de participação no total financiado pelo BNB no período, ou R\$ 397,7 milhões. A participação dos médios produtores nos financiamentos ultrapassou a dos grandes em 2016, mantendo-se maior deste então.

O BNB financiou a quase totalidade dos recursos destinados à cotonicultura nordestina por intermédio de programas não-PRONAF: R\$ 2,72 bilhões (ou 99,9%), em 478 operações, no período 2014-2019 (Tabela 8). Estes números têm relação direta com o fato dos clientes serem de grande e médio portes (85%), que não se enquadram nas condições dos programas PRONAF (Tabela 7). Isso ocorre porque a cotonicultura é uma atividade de alto custo, onde uma minoria de grandes produtores garante a maior parte da produção colhida, o que demanda também maior volume de financiamento.

Tabela 5 – Cotonicultura – Valor contratado por Estado, entre 2014 e 2019, em mil R\$

Ano	2014		2015		2016		2017		2018		2019		Total	
UF	Valor	Op	Valor	Op	Valor	Op								
BA	576.684	77	522.369	89	397.615	63	336.674	73	348.019	103	216.917	62	2.398.278	467
CE	55	2	23	1	0		0		5	1	0		83	4
MA	67.560	1	79.726	2	17	1	17	1	16	1	0		147.336	6
MG									5.323	4			5.323	4
PB	8	1	0		0		0		14	1	20	1	42	3
PI	71.031	7	19.447	1	17.569	1	5.450	0	22.176	1	31.898	3	167.571	13
RN	146	2	0		0		0		0		3.500	1	3.646	3
Total	715.484	90	621.566	93	415.201	65	342.141	74	375.554	111	252.334	67	2.722.280	500

Fonte: BNB/Ambiente de Controle de Operações de Crédito. Valores constantes, atualizados pelo IGP-M, até outubro de 2019.

Tabela 6 – Cotonicultura – Valor contratado por sub-região, entre 2014 e 2019, em mil R\$

Ano	2014		2015		2016		2017		2018		2019		Total	
Sub-região	Valor	Op	Valor	Op	Valor	Op								
Não semiárido	695.299	84	607.988	87	407.615	64	288.450	53	312.726	74	195.149	43	2.507.228	405
Semiárido	20.185	6	13.577	6	7.585	1	53.691	21	62.828	37	57.185	24	215.052	95
Total	715.484	90	621.566	93	415.201	65	342.141	74	375.554	111	252.334	67	2.722.280	500

Fonte: BNB/Ambiente de Controle de Operações de Crédito. Valores constantes, atualizados pelo IGP-M, até outubro de 2019.

Tabela 7 – Cotonicultura – Valor contratado por porte entre 2014 e 2019, em mil R\$

Ano	2014		2015		2016		2017		2018		2019		Total		
	Porte	Valor	Op	Valor	Op										
Grande		354.902	13	305.591	11	173.915	9	127.505	6	82.531	8	29.883	3	1.074.327	51
Médio		262.744	22	232.002	33	184.612	26	147.608	34	230.643	58	192.650	40	1.250.258	213
Mini		276	7	148	5	17	1	17	1	62	6	64	10	584	30
Pequeno		6.860	8	6.370	10	4.065	5	1.893	2	2.679	3	1.240	1	23.106	29
Pequeno-Médio		90.702	39	77.455	34	52.593	24	65.118	31	59.640	35	28.497	13	374.005	176
Total		715.484	90	621.566	93	415.201	65	342.141	74	375.554	111	252.334	67	2.722.280	500

Fonte: BNB/Ambiente de Controle de Operações de Crédito.
Valores constantes, atualizados pelo IGP-M, até outubro de 2019.

Tabela 8 – Cotonicultura – Valor contratado por Programa entre 2014 e 2019, em mil R\$

Ano	2014		2015		2016		2017		2018		2019		Total		
	PRONAF	Valor	Op	Valor	Op										
Não-PRONAF		715.444	88	621.524	91	415.184	64	342.124	73	375.492	105	252.270	57	2.722.038	478
PRONAF		40	2	42	2	17	1	17	1	62	6	64	10	242	22
Total		715.484	90	621.566	93	415.201	65	342.141	74	375.554	111	252.334	67	2.722.280	500

Fonte: BNB/Ambiente de Controle de Operações de Crédito.
Valores constantes, atualizados pelo IGP-M, até outubro de 2019.

7 TENDÊNCIAS

As perspectivas da cotonicultura continuam promissoras: pelo lado da demanda, com a elevação da renda e da população (principalmente a asiática), e com a tendência mundial de aumento do consumo de produtos naturais – vide a preocupação em reduzir o uso de materiais plásticos não biodegradáveis - e o algodão, como fibra natural, tem possibilidade de reconquistar um mercado que estava perdido para as fibras sintéticas. Pelo lado da oferta, o País dispõe de terra e tecnologia para atender ao aumento do consumo mundial, com fibra de qualidade, avanços nos métodos para controle de pragas e doenças, obtenção de variedades mais produtivas, desenvolvimento de sistemas eficientes de produção e cadeia produtiva organizada, que se constituem em fatores decisivos para conquista dos mercados interno e externo (EMBRAPA, 2019).

Durante 2019, o Brasil ultrapassou a Índia e se tornou o segundo maior exportador de algodão do mundo, mas esse fato positivo pode esbarrar na questão da logística, ainda deficiente no País. O porto de Santos, apesar de muito distante dos principais centros produtores de algodão de Mato Grosso e Bahia, é o principal porto da América Latina e maior destino portuário do algodão brasileiro, por onde passaram 96% das exportações da fibra em 2019. No entanto, a falta de infraestrutura deste porto está causando atrasos de uma e até duas semanas no embarque da carga. Ele recebe de dois a três mil contêineres de algodão por semana, no avanço da safra, mas alguns contratos de embarque, especialmente chineses, estão sendo postergados, o que acaba impactando o produtor brasileiro (NOTÍCIAS AGRÍCOLAS, 2019).

A cadeia produtiva já se articula no sentido de conseguir rotas alternativas para o escoamento da produção, como a que liga o Oeste Baiano a Salvador, e as quatro grandes companhias de commodities agrícolas do mundo (Archer Daniels Midland (ADM), Bunge, Cargill, Louis Dreyfus), mais uma brasileira (Amaggi), também buscam alternativas, no sentido de se tornarem operadoras da BR 163 (que vai do município de Tenente Portela-RS a Santarém-PA), no trecho da rodovia que liga o cinturão de grãos do País aos portos do chamado Arco Norte, ao mesmo tempo que consideram investir em uma ferrovia a ser construída na região, a Ferrogrão, que seguiria uma rota similar à BR 163. A proposta considera investimento de capital próprio pelas companhias de grãos, tanto no projeto da rodovia quanto no da ferrovia, embora a concorrência possa atrair outros investidores. O estado precário desta rodovia, devido também às chuvas pesadas, em março deste ano, deixou os portos do Pará quase sem soja para exportar (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019).

Outro desafio para a cotonicultura nacional continuar na vice-liderança das exportações é a manutenção da qualidade da fibra, produzida competitivamente e com ganhos de produtividade crescente ao longo dos últimos vinte anos. Entre os grandes exportadores mundiais, o Brasil é talvez o único que possa expandir sua produção via aumento de área plantada, além do aumento de produtividade. Essa preocupação com a qualidade é relevante, principalmente tendo-se em conta que o setor exportador ainda não tem ideia clara da consequência, nas exportações, de eventual encerramento do conflito comercial entre EUA e China, que parece mais próximo com os últimos acordos feitos entre as partes. De qualquer forma, a recuperação recente da cotonicultura, após

a quebra de safra de 2015/2016 e com o enfrentamento das dificuldades logísticas históricas, comprova seu potencial e a coloca como uma das atividades mais competitivas do Agronegócio brasileiro.

REFERÊNCIAS

AMPA - ASSOCIAÇÃO MATOGROSSENSE DOS PRODUTORES DE ALGODÃO. **História do Algodão**. Disponível em: http://www.ampa.com.br/site/qs_historia.php. Acesso em: 04 fev. 2017.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP)**. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/valor-bruto-da-producao-agropecuaria-vbp>. Acesso em: 11 dez. 2019a.

_____. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Agrostat (Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro)**. Disponível em: <http://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/AGROSTAT.html>. Acesso em: 11 dez. 2019b.

CEPEA - CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. **Agromensal: Algodão, Novembro/2019**. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/revista/pdf/0951598001549388894.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2019.

CMA. Consultoria, Métodos, Assessoria e Mercantil S.A. *Trading Analysis Information*. São Paulo: CMA, 2019.

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Séries históricas**. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras>. Acesso em: 13 dez. 2019a.

_____. **3º. Levantamento da safra brasileira de grãos 2019/2020**. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos>. Acesso em: 11 dez. 2019b.

_____. **Análise mensal: algodão, novembro 2019**. <https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuário-e-extrativista/analises-do-mercado/historico-mensal-de-algodao>. Acesso em 19 dez. 2019c.

EMBRAPA ALGODÃO - EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Série Desafios do agronegócio brasileiro (NT3)**. Produto: Algodão. Parte 1: Caracterização e desafios tecnológicos. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/198192/1/SerieDesafiosAgronegocioBrasileiroNT3Algodao.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Gigantes das commodities estudam operar BR 163 e Ferrogrão**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/03/gigantes-das-commodities-estudam-operar-br-163-e-ferrograo.shtml>. Acesso em: 22 dez. 2019.

FILHO, J.B.S. **A comercialização de algodão do Brasil**. In: EMBRAPA AGROPECUÁRIA OESTE. Algodão: Tecnologia de produção. Dourados: Embrapa Agropecuária Oeste, 2001, p. 5-53.

ANEXO I - COMÉRCIO EXTERIOR DE ALGODÃO POR ORIGEM E DESTINO NO PERÍODO DE 2017 A 2019

Fluxo/País (1)	2017		2018		2019 (2)	
	Kg líquido	US\$ (FOB)	Kg líquido	US\$ (FOB)	Kg líquido	US\$ (FOB)
EXPORTAÇÃO	886.475.516	1.634.475.362,00	1.026.251.925	1.950.320.186,00	1.384.373.261	2.431.113.695,00
CHINA	87.665.563	135.313.072,00	305.837.360	524.793.552,00	387.158.297	624.313.617,00
VIETNÃ	166.171.188	268.681.789,00	147.907.425	253.184.198,00	189.069.508	310.016.551,00
INDONÉSIA	170.717.267	284.682.939,00	141.635.104	252.325.403,00	179.798.190	303.027.528,00
BANGLADESH	87.914.347	146.110.546,00	93.250.565	163.258.277,00	159.446.281	260.239.462,00
TURQUIA	113.490.747	187.462.448,00	68.196.179	117.780.896,00	128.958.075	209.696.593,00
MALÁSIA	47.708.851	77.350.730,00	52.392.046	91.786.204,00	81.257.625	137.340.282,00
PAQUISTÃO	48.843.968	78.151.162,00	36.856.944	62.334.579,00	74.263.561	119.877.052,00
COREIA DO SUL	50.330.187	79.841.246,00	55.817.047	93.840.460,00	40.736.610	68.552.961,00
ÍNDIA	5.068.831	8.499.013,00	3.465.983	5.980.127,00	38.702.389	63.846.706,00
ARGENTINA	10.783.154	70.909.008,00	9.756.036	58.067.979,00	8.343.509	55.060.077,00
Países selecionados	788.694.103	1.337.001.953	915.114.689	1.623.351.675	1.287.734.045	2.151.970.829
Outros	97.781.413	297.473.409	111.137.236	326.968.511	96.639.216	279.142.866
IMPORTAÇÃO	119.095.148	765.337.281,00	101.577.082	819.937.560,00	61.984.169	634.871.386,00
CHINA	39.789.149	288.232.819,00	33.254.752	296.803.059,00	23.052.696	221.148.863,00
BANGLADESH	6.985.529	99.623.980,00	8.796.928	129.515.652,00	5.981.074	94.883.818,00
ÍNDIA	13.052.474	68.824.400,00	7.860.602	63.153.477,00	6.171.229	51.456.864,00
PERU	1.684.835	44.150.995,00	2.313.312	56.978.553,00	1.886.326	48.878.593,00
PAQUISTÃO	3.541.714	20.491.201,00	4.008.347	28.140.503,00	4.118.550	30.020.543,00
TURQUIA	3.417.444	27.550.971,00	3.765.935	27.404.613,00	4.893.875	27.228.037,00
PARAGUAI	1.710.807	17.782.857,00	1.776.880	21.814.429,00	2.159.053	25.119.413,00
VIETNÃ	509.391	12.722.386,00	576.468	15.299.088,00	570.196	12.745.913,00
CAMBOJA	191.378	5.206.770,00	439.835	11.648.479,00	444.002	12.418.307,00
ITÁLIA	350.407	8.767.661,00	692.243	11.123.789,00	638.042	11.660.059,00
Países selecionados	71.233.128	593.354.040	63.485.302	661.881.642	49.915.043	535.560.410
Outros	47.862.020	171.983.241	38.091.780	158.055.918	12.069.126	99.310.976

Fonte: BRASIL (2019). Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Agrostat (Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro).

Notas:

(1) NCM: 52010010 (Algodão não cardado nem penteado, não debulhado); 52010020 (Algodão não cardado nem penteado, simplesmente debulhado); 52010090 (Outros tipos de algodão não cardado nem penteado).

(2) Janeiro até novembro.

(3) Inclui "região indefinida".

ANÁLISES DE 2018 DISPONÍVEIS

- Segmento de carnes: "preço do boi nos ares" - 09/2019
- Flores e plantas ornamentais - 09/2019
- Produção de grãos - feijão, milho e soja - 09/2019
- Perspectivas para o comércio 2019/2020 - 09/2019
- Comércio eletrônico - "Bem Vindo ao Futuro" - 08/2019
- Aquicultura e pesca - 08/2019
- Indústria Siderúrgica - 08/2019
- Setor hoteleiro no Brasil - 08/2019
- Bebidas não alcoólicas - 07/2019
- Micro e minigeração de energia - 07/2019
- Saúde - 07/2019
- Móveis - 07/2019
- Telecomunicações - 06/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio do NE: cacau e produtos - 06/2019
- Fruticultura - 06/2019
- Saneamento - 06/2019
- Bebidas Alcoólicas - 05/2019
- Biocombustíveis - 05/2019
- Indústria de Alimentos - 05/2019
- Grãos: feijão, milho e soja - 05/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Produtos Apícolas - 04/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Sucos - 04/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Sucroalcooleiro - 04/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Fibras e Têxteis - 04/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Frutas, Nozes e Castanhas - 03/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Produtos Florestal - 03/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Grãos - 03/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE - 03/2019
- Shopping Centers - 02/2019
- Energia Eólica - 02/2019
- Silvicultura - 02/2019
- Setor Sucroalcooleiro - 02/2019
- Apicultura - 01/2019
- Panorama da infraestrutura no NE: energia elétrica - 01/2019
- Panorama da infraestrutura no NE: saneamento - 01/2019
- Panorama da infraestrutura no NE: transportes - 01/2019

ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes/CADERNO-SETORIAL>

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes-editadas-pelo-etene>

ANÁLISES PREVISTAS PARA 2019

Título	Previsão
Micro e pequenas empresas	dezembro-19
Bovinocultura leiteira	dezembro-19
Energia solar	dezembro-19
Café	dezembro-19
Locação de imóveis	dezembro-19
Carnes	dezembro-19
Floricultura	dezembro-19
Indústria da construção civil	dezembro-19
Setor têxtil	dezembro-19
Indústria siderúrgica	dezembro-19
Produção de mandioca – raiz, farinha e fécula	dezembro-19
Rochas ornamentais	dezembro-19
Vestuário	dezembro-19
Coco	dezembro-19
Hotéis	dezembro-19